



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH – *CAMPUS IX*
LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

AMÉRICO PAES LANDIN NETO

**A CORPOREIDADE NEGRA/GAY EM "CONTOS NEGREIROS": UM OLHAR
DISCURSIVO PARA O LITERÁRIO**

BARREIRAS – BA

2023

AMÉRICO PAES LANDIN NETO

**A CORPOREIDADE NEGRA/GAY EM "CONTOS NEGREIROS": UM OLHAR
DISCURSIVO PARA O LITERÁRIO**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, *campus IX*, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

Área: Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Alves França.

BARREIRAS – BA

2023

AMÉRICO PAES LANDIN NETO

**A CORPOREIDADE NEGRA/GAY EM "CONTOS NEGREIROS": UM OLHAR
DISCURSIVO PARA O LITERÁRIO**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia, *campus* IX, como requisito obrigatório para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Alves França

Aprovada em 11/12/2023

COMISSÃO AVALIADORA

Prof. Dr. Thiago Alves França
Orientador
(Uneb – DCH III)

Prof. Dr. Fábio Araújo Oliveira
(Uneb – DCH V)

Prof. Dr. Rogério Luid Modesto dos Santos
(Uesc)

Barreiras, BA, 2023.

Ao meu ori e meu afro-corpo como um todo, pela coragem de odé, destreza de Gallaz, persistência de Ícaro e amor de Narciso. Ao meu pai; “Dotor” (Jailton, *in memorian*), que um dia me verá, do mèsàn ọrun, ganhar o título de Doutor. À minha mãe Solange; “igi ife”, de quem herdei a beleza de Oxum, pela vida no ayiê. Aos meus irmãos, “ara ebi wa” e égregora, com quem compartilho a seiva de ancestralidade. E a todos que me acompanharam neste degrau de minha trajetória-memória. Ubuntu!

AGRADECIMENTOS

Que os meus pretos me desculpem, mas começo agradecendo ao meu orientador, Thiago França, um homem branco (que, de tão incrível, acredito que tenha alma negra), por topar nadar comigo contra uma hegemonia neocolonizadora, que, mesmo sendo amparados for um linha de estudo que rebenta na França, propomos, numa espécie de “bilinguismo acadêmico”, um estudo que acreditamos ser, também, epistêmico do sul. Agradeço por respeitar tudo aquilo que propus e me ajudar a ladrilhar esta pesquisa da melhor forma possível.

Gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Rogério Modesto, homem negro, pesquisador, pessoa que admiro e em quem me inspiro, e ao Prof. Dr. Fábio Oliveira, cujas pesquisas sobre masculinidades me atravessam de alguma forma. Agradeço a ambos pela leitura atenciosa do meu TCC e pela disponibilidade para participar da banca.

Não poderia, obviamente, como bom leonino que sou, deixar de agradecer ao meu empenho, dedicação e esforço para tentar quebrar um ciclo ao qual meu povo historicamente foi submetido, e, a partir desta pesquisa, que não só me representa, mas representa também um coletivo vilipendiado e estabelecido numa ordem de poder altamente estruturada na injustiça, tentar entender a forma como somos lidos. Esta pesquisa é, para mim, uma devolutiva social. Como disse Emicida, “Viver é partir, voltar e repartir”.

Menciono, honrosamente, num brado estridente de agradecimento, Dedê Maurício. Arte vivente em Barra-Ba. Figura-ébano de representatividade. Quem primeiro me enxergou como sujeito, me apoiou e me motivou a seguir nessa trajetória em busca de um sonho.

Mo dúpé, iyá mi e a minha família como um todo. Ao meu amor, parceiro e amigo, João Victor, pelo apoio sempre. Agradeço ao meu amigo-irmão, Daniel Leite, por me amparar nos momentos de fraqueza, aos meus colegas de UNEB, parceiros da RUB e de jornada, cujos nomes não me atrevo a mencionar a fim de não cometer a gafe de esquecer um sequer, mas que são meus alicerces e minha catapulta a me impulsionar nas trajetórias pessoal, acadêmica e profissional.

Agradeço à espiritualidade, que, mesmo nos meus momentos de fé vacilante, esteve a me amparar.

Como pressupõe a existência do Sankofa, olhar para trás e ver o que consegui trilhar me faz querer alcançar o impossível, e me motiva a continuar. Ìmoore. AXÉ.

Estamos quase sempre respirando sem ter
consciência disso; como a linguagem, o ar é, por
excelência, o ambiente em que vivemos.

(Terry Eagleton)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar, a partir das lentes da Análise de Discurso Materialista (AD), as representações sobre a corporeidade negra/gay a partir da obra literária “Contos Negreiros”, de Marcelino Freire, com enfoque nos efeitos de sentidos produzido por/para ou “ao redor” do que é enunciado por um autor branco, olhando especialmente para a afirmação de que a forma como os personagens são (re)construídos reforça um imaginário sobre sujeitos concretos. Nesta pesquisa, fizemos uma investigação sobre o funcionamento do imaginário sócio-histórico e cultural que autoriza a (re)produção dos efeitos de hipersexualização encontrados na obra. Examinamos como essas representações são influenciadas pelo discurso colonial e pelo discurso “pseudocientífico” que contribui para a construção do imaginário relacionado ao sujeito negros/gay. Além disso, abordamos a relação entre o autor, homem branco, produtor de um discurso reforçado pelo cânone literário, enquanto aparelho ideológico, e a representação feita por ele da(s) comunidade(s) negra/gay. Nesse sentido, a análise se concentrou em trechos específicos da obra, transformados em Sequências Discursivas, que puseram à prova algumas hipóteses, entre elas a de que a forma como o autor (re) produz a hipersexualização como meio de representação limita as relações amorosas e sexuais dos sujeitos negros/gays à forma majoritária como seus corpos são socialmente interpretados. Neste trabalho, pudemos observar que a existência de uma cultura hegemônica brancocêntrica e heteronormativa acaba por explorar a estigmatização da estética negra. Dessa forma, a obra “Contos Negreiros” reflete e reforça essa dinâmica, contribuindo para a perpetuação de padrões discriminatórios na sociedade. Ao final desta pesquisa, pudemos compreender que a problemática da hipersexualização, a partir daquilo que não é dito, faz com que sujeitos masculinos interseccionalizados nas condições negra/gay sejam sujeitos aos quais se atribuem a ideia de não estabelecimentos de vínculos amorosos afetivos e efetivos. Por fim, dizemos que a desconstrução desses estereótipos é crucial para uma leitura mais justa e equitativa, visando a promover uma compreensão mais ampla e humana da diversidade de experiências presentes nos discursos contemporâneos.

Palavras-chave: Hipersexualização. Sujeito-autor-branco. Negro/gay. Análise de Discurso. Literatura.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo analizar, desde la perspectiva del Análisis de Discurso Materialista (AD), las representaciones sobre la corporeidad negra/gay a partir de la obra literaria “Contos Negreiros, de Marcelino Freire. Para tanto, se enfoca en los efectos de sentido generados por/para o “alrededor” de lo declarado por un autor blanco, especialmente considerando la afirmación de que la manera en que los personajes son (re)construidos refuerza un imaginario acerca de sujetos reales. En esta investigación, realizamos un estudio sobre el funcionamiento del imaginario sociohistórico y cultural que autoriza la (re)producción de los efectos de hipersexualización presentes en la obra. Examinamos cómo estas representaciones son influenciadas por el discurso colonial y el pseudocientífico”, contribuyendo así a la construcción del imaginario del sujeto negro/gay. Además, abordamos la relación entre el autor, un hombre blanco, cuyo discurso se ve reforzado por el canon literario como un aparato ideológico, y la representación que él hace de la(s) comunidad(es) negra/gay. En este sentido, el análisis se centró en fragmentos específicos de la obra, convertidos en Secuencias Discursivas, para poner a prueba algunas hipótesis, entre ellas, la de que la forma en que el autor (re)produce la hipersexualización como medio de representación limita las relaciones amorosas y sexuales de los sujetos negros/gays a la forma mayoritaria en que sus cuerpos son interpretados socialmente. En este trabajo, pudimos observar que la existencia de una cultura basada en la perspectiva blanca hegemónica y heteronormativa termina por explotar la estigmatización de la estética negra. De esta manera, la obra “Contos Negreiros” refleja y refuerza esta dinámica, contribuyendo a la perpetuación de patrones discriminatorios en la sociedad. Al final de esta investigación, pudimos comprender que la problemática de la hipersexualización, desde lo no dicho, hace que los sujetos masculinos interseccionales en las condiciones negro/gay sean sujetos a los que se atribuye la idea de no establecer vínculos amorosos afectivos y efectivos. Finalmente, sostenemos que la desconstrucción de estos estereotipos es crucial para una lectura más justa y equitativa, con el objetivo de promover una comprensión más amplia y humana de la diversidad de experiencias presentes en los discursos contemporáneos.

Palabras clave: Hipersexualización. Sujeto-autor-blanco. Negro/gay. Análisis de Discurso. Literatura.

SUMÁRIO

1. AGÔ (A BÊNÇÃO...?).....	10
2. SULEAR.....	15
2.1. CANTO VIII – CORAÇÃO	18
2.2. CANTO XIII – MEUS AMIGOS COLORIDOS	18
2.3. CANTO XV - MEU NEGRO DE ESTIMAÇÃO	19
3. TEZ DE ÉBANO	21
4. UBUNTU	30
5. ILE IFÉ.....	37
6. ADUPÉ.....	42
REFERÊNCIAS	45

1. AGÔ (A BÊNÇÃO...?)

“Forte”, “agressivo”, “viril”, “violento”, “pau grande” e “bom de cama”. Note como as imagens repetidas sobre o sujeito negro acabam fixando um sentido que idealiza uma imagem que é reforçada pela história colonialista, construindo, assim, uma figura sexual e fisicamente potente. Por outro lado, a figura do homem homossexual é regularmente associada a estereótipos femininos ligados à delicadeza e à fragilidade, quando não, associam-nos a comportamentos relacionados à promiscuidade sexual. Isto diz muito sobre a forma como somos vistos/interpretados.

Já que a interpretação, na perspectiva da Análise de Discurso materialista (AD), é uma prática simbólico-discursiva, objetivamos, a partir da obra “Contos negreiros”, de Marcelino Freire, analisar os efeitos de sentido, a representação e o imaginário relacionado à corporeidade negra/gay na qual/a partir da qual o povo negro/gay se constitui ou é constituído. Não podemos deixar de observar que “o analista de discurso não é uma pessoa neutra” (MAZIÈRE, 2007, p. 23), logo, esta pesquisa se sustenta, também, na tentativa intimamente pessoal de entender o olhar do “outro” para o “eu”.

Expliquemo-nos: Marcelino Feire (o outro) é um homem branco retratando corpos negros (o eu); o autor desta proposta de pesquisa é um homem negro (o eu) e seu orientador, um homem branco (o outro); o cânone literário é um espaço majoritariamente branco (o outro) e a literatura produzida por corpos negros é considerada contracânone (ZILÁ BERNT, 1988) (o eu). Por isso, acreditamos que os nossos princípios axiológicos, a saber, o reconhecimento adequado do negro/gay e da imagem coletiva desse(s) sujeito(s), a vivência Ubuntu e a aspiração pelo reconhecimento, pela legitimidade e pela igualdade, além do nosso olhar pelas lentes da AD, autorizam o(s) gesto(s) de análise(s) que estamos propondo.

Diversos são os motivos que nos levam a concordar com Compagnon (2006), que, no livro “Demônio da teoria”, a partir do termo *mimésis*, infere que o “mundo” ficcional não é uma cópia da realidade, mas que, no entanto, o real serve de instrumento para a obra literária. Ou seja, a literatura não tem nenhum compromisso necessário com o real, mas, a partir das suas Condições de Produções (CP), como a AD vê/formula, há, nas verossimilhanças, ou melhor, nos “efeitos do real” (PETRI, 2004), uma representação da história, da sociedade, da época, do autor, como bem nos explica Teixeira (2019), para quem o texto literário, mais especificamente, o gênero narrativo,

é responsável pelo “contar” histórias do sujeito, do mundo, da sociedade, enquanto constitutivo de um imaginário da sociedade, por meio da ficção. Dessa forma, a literatura representa o social e o histórico na medida em que reproduz elementos do real e o ficcionaliza, recontando os fatos sem um comprometimento com a realidade, pois neste espaço (re)cria-se o mundo e instauram-se diferentes efeitos de sentido (TEIXEIRA, 2019, p. 244).

Isso acontece, também, porque o autor da obra escreve conforme o “período” em que ele vive, isto é, trata-se de um sujeito historicamente situado e, por isso, em certo sentido, determinado. Como pensar o Barroco sem a reforma protestante e contrarreforma católica, o Arcadismo sem o Iluminismo e a Inconfidência mineira, aqui no Brasil? Como pensar o Romantismo sem a Reforma industrial? Até porque, de acordo com Orlandi (2001, p. 110), “o texto é um objeto histórico”.

Moreira e Dantas(1977) dirão que a narrativa literária é responsável por transfigurar uma realidade sem deixar, no entanto, de contar a verdade, pois usará das frases, dos recursos estilísticos, do sentido universalista e da maneira de contar para diferenciar a literatura da não literatura. Isso nos faz chegar perto do que diz Eagleton (2003), no primeiro capítulo do livro “Teoria da Literatura”. Navegando nas possibilidades de conceituar a literatura, o autor dirá, fazendo a distinção entre fato e ficção, que “talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou imaginativa, mas porque emprega a linguagem de forma peculiar” (Eagleton, 2003, p. 2).

E é a partir do emprego dessa língua(gem) que esta proposta de análise se dá, já que as Formações Discursivas (FD) em uma Formação Ideológica(FI), diretamente ligadas aos sentidos produzidos, determinam o que pode e deve ser dito. Pensando nisso, percebemos que é, sim, possível fazer uma análise discursiva partindo de uma obra literária, uma vez que o olhar do analista investigará o texto, esta unidade de análise, perguntando sobre suas CP. E, nesta obra em específico, pretendemos observar a hipersexualização do corpo negro/gay, isto é, discutiremos o modo como esse corpo é discursivizado.

Observamos também, a partir da AD, que é impossível pensar um sujeito e seu funcionamento ideológico sem considerar a sociedade que o circunda. Neste sentido, não podemos, aqui, pensar essa obra sem que isso seja considerado. Ademais, não podemos deixar de salientar, novamente, pois se faz de extrema importância, que a representação da corporeidade negra é feita, nesse livro, a partir da visão de um homem branco (o autor), o que, de fato pode ajudar-nos a pôr à prova nossas hipóteses, quais sejam: o autor (que,

neste caso, é Marcelino Freire) na posição de sujeito branco, (re)produz processos discursivos que hipersexualizam o sujeito negro/gay; a obra literária é um dos suportes usados pelo sujeito autor branco para a (re)produção de discursos estereotipados sobre o homem negro/gay; e o imaginário sócio-histórico e culturalmente estabelecidos sobre esses sujeitos ainda autorizam a (re)produção de discursos hegemônicos. É por isso que cabe investigar a(s) posição (ões) a partir da(s) qual(is) este sujeito (homem/autor/branco) do discurso desenvolve “seu” modo de ver o “eu”, que, para ele, é o “outro”.

Deste modo, a pergunta basilar desta investigação é a seguinte: quais são os efeitos de sentido (re)produzidos por Marcelino Freire que nos conduzem à interpretação de hipersexualização sobre a corporeidade negra/gay na obra “Contos negreiros”? Propomos a questão supracitada pois partimos da ideia de que o autor (re)cria, a partir das ideologias, imagens a respeito de outros sujeitos, que ele representa sob a forma dos personagens. Por isso, repetimos, nos parece um material necessário de ser submetido à análise.

Como esta análise se dá, como já dito, tomando uma obra literária como objeto empírico, é necessário considerarmos o que dizem Moreira e Dantas (1977 p. 5) no livro “Língua(gem), literatura, comunicação”; eles dirão que a Narrativa pode ser vista sob dois ângulos: o da estória (os fatos contados, simplesmente) e o do discurso (a maneira por que a estória é contada). No texto fundador, de 1969, Pêcheux dirá, na construção da definição de discurso, “que não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A[destinador] e B[destinatário] mas, de modo mais geral, de um "efeito de sentidos" entre os pontos A e B” (Pêcheux, [1969] 1997), ou seja, uma das definições possíveis para discurso, segundo a AD, é justamente pensá-lo como efeito de sentidos estabelecido entre interlocutores. Sob essa ótica, a definição de discurso como sendo “a maneira por que a estória é contada” assume outra perspectiva, a de que o sujeito não controla o que enuncia e que o modo como se diz não é indiferente ao sentido que se (re)produz, já que o sujeito é ideologicamente interpelado.

Sobre a primeira afirmação –“o da estória (os fatos contados, simplesmente)”, nos propomos a contestá-la ao longo desta pesquisa, pois a nossa justifica é, justamente, a de que nada é simplesmente contado e, sim, há maneiras distintas de se enunciar. Então, não nos cabe, aqui, talvez, dizer o porquê Marcelino Freire conta essas estórias, de modo que não nos interessa a motivação do autor, mas dizer que as estórias contadas podem ser materializações discursivas de histórias (com h, no sentido de histórias “reais”, ou menos fictícias), (re)construídas a partir das formações imaginárias do autor que, no “seu” “processo criativo” de escrita, designa/rá não só os lugares que suas personagens

ocupam/rão na obra, mas também os lugares que sujeitos concretos, ocupam/rão no “mundo real”.

Mesmo sem a pretensão de nos aprofundarmos muito em teorias nesta parte introdutória, não podemos deixar de comentar o que Roland Barthes fala em “A morte do autor” (2004); ele diz que o autor tem de morrer para que o leitor nasça. Se levássemos em conta esta afirmação, desconsideraríamos as possíveis formações imaginárias (re)produzidas pelo sujeito-autor (ver, mais detalhado, no capítulo 4), que servem de base para esta pesquisa, já que são elas que designarão as possíveis representações das personagens. Barthes (2004) afirma que as intenções do autor de nada importam para a recepção da obra. Pêcheux ao diferenciar a AD da Análise de conteúdo dirá que “a ciência clássica da linguagem pretendia ser ao mesmo tempo ciência da expressão e ciência dos meios de expressão, e o estudo gramatical e semântico era um meio a serviço [...] da compreensão do texto” (Pêcheux, [1975] 2009, p. 61) ou seja, o texto na análise de conteúdo é um objeto linguístico pertinente. Aqui, não perguntaremos “o que esse texto quer dizer?” ou “o que o autor quis dizer com isso?”; o que propomos, aqui, é estudar materializações discursivas. Desse modo, examinamos diferentes tipos de respostas e/ou efeitos de sentidos (re)produzidos por/para determinados sujeitos.

Acreditamos, portanto, que ninguém discursiviza sozinho; há, para que existam sujeitos, interpelações ideológicas que dizem respeito não somente sobre quem enuncia, de onde enuncia ou como enuncia; dizem respeito a todo um contexto sócio-histórico-cultural que fará com que o discurso se (re)produza. Em outras palavras, o sujeito-autor é responsável por (re)criar o personagem e essa (re)criação é motivada pela Ideologia, ou por diferentes ideologias.

Vale a pena ressaltar que não temos, aqui, a intenção de desqualificar a obra, ou o autor, de dizer que se trata de uma produção ruim, ou de um autor ruim. Muito menos “condenar” ele e/ou a obra como racista/homofóbica, como a crítica contemporânea vem fazendo com Monteiro Lobato, por exemplo (o que, talvez, pudéssemos, de fato, fazer se nos propuséssemos a isso), porque o que propomos não se trata, necessariamente, de uma crítica literária. Como dissemos, objetivamos, a partir da AD, explorar os efeitos de sentido (da hiperssexualização) relacionados à corporeidade negra/gay; para isso, investigamos a obra e, de algum modo, o próprio Marcelino Freire. Diante disso, concordamos com Teixeira (2019), quando ela diz que é a língua o ponto de relação entre a AD e a literatura, já que não estamos apenas

tomando o texto literário como corpus para análise a partir de uma teoria discursiva, mas mostrando as relações necessárias e constitutivas entre a língua como jogo e a literatura, cujo funcionamento depende desse jogo (TEIXEIRA, 2019 p. 244).

Nesta perspectiva a língua, em sua materialidade, o discurso em funcionamento, (re)produz, através do literário, os efeitos de sentido que problematizamos e procuramos compreender a partir de uma pesquisa de caráter qualitativo exploratória/interpretativista¹ da materialização dos processos discursivos no texto literário.

¹ Assumimos a designação “qualitativo-exploratório/ interpretativista” no sentido que procuramos compreender os sentidos sobre objetos simbólicos, ou seja, buscamos, sobre a ótica de uma disciplina de interpretação, a “explicitação dos processos de significação presentes no texto” (Orlandi, 2020 p. 24) que nos conduzem a uma resposta sobre aquilo que nos propomos a investigar.

2. SULEAR

A AD é um campo de pesquisa que não possui uma metodologia pronta a ser seguida, ou seja, os materiais teóricos e metodológicos/analíticos andam lado a lado, de modo que os elementos que constituem o referencial teórico também podem SULEar² a forma como a análise é feita. Desta forma, podemos pensar que a própria constituição do *corpus* foi feita a partir de “processos”.

Quando tentávamos definir o objeto, ou melhor, nosso material empírico (o livro), nos deparamos (como já esperado) com um campo bem amplo de (possíveis) processos discursivos que dizem para além, inclusive, do imaginado por nós. Isso é bom, mas precisávamos selecionar os elementos que mais nos interessassem. Para isso, fizemos um recorte do material. De início, optamos por selecionar quais contos revela(ria)m com mais fidedignidade a hipersexualização do homem negro/gay, uma vez que foram os efeitos de sentido que mais rapidamente percebemos, ou quais melhor serviriam para mostrar essa representação.

A partir do primeiro contato com o material, ainda incipiente, de análise, optamos por “pegar” a obra em sua superfície linguística e fazer um “ante-processo de de-superficialização” ou seja, com o livro em mãos, fizemos uma pré-análise do livro e elegemos alguns dos contos. Ao logo do nosso processo, decidimos abdicar de alguns deles e, por fim, para a análise, elencamos somente 3. São eles: “Coração”, “Meus amigos Coloridos” e “Meu negro de estimação”. Ainda assim, nosso material era “grande”, pois esses contos são, na verdade, textos adjacentes de recortes discursivos, como explica Orlandi (1989, p. 36), que se entrecruzam e se dispersam. Precis(áv)amos, então, fazer recortes ainda maiores. Por isso, em cada um dos contos, buscamos por selecionar partes deles, melhor dizendo, unidades discursivas que pode(ria)m ser percebidas como fragmentos, linguagem e ocorrência que estivessem, de alguma forma, correlacionados (ORLANDI, 1989).

O *corpus* selecionado, nosso material analítico, então, foi o seguinte:

SD01 Canto VIII “Célio conheceu Beto na estação de trem, em setembro. Moreno bonito. Célio acariciou o membro de Beto no aperto vespertino, no balanço ferroviário. Beto gozou na mão do viado. Encabulado mascou seu

² Adotamos “SULEar”, aqui, no sentido, de contrapor à lógica eurocêntrica que põe o Norte como centro e como sinônimo de orientação. A identificação com o Sul nos parece mais lógica. Este termo foi usado pela primeira vez por volta dos anos 90 por Marcio D’Olne Campos e propagado por Paulo Freire (1968) em “Pedagogia do oprimido”. Para melhor discussão sobre o termo, recomendamos: D’olne Campos (1991).

chiclete, desceu e nem olhou pra trás, para Célio. Célio feliz por um certo tempo. A gosma entre os dedos. A porra a gente esconde no ferro, debaixo do banco” (FREIRE, 2005, p. 59).

SD02 Canto XIII “Enquanto o arquiteto sumiu na bateria, fiquei pensando. Tenho certeza que agora, finalmente, conheci o amor da minha vida. Meu primeiro amor, depois de tantos anos. Falo daquele negronegronegronegro ali, rebolando” (FREIRE, 2005, p. 91).

SD03 Canto XV “Meu homem me obedece e me respeita. Por incrível que pareça, mesmo quando me põe de quatro, me machuca, me prende à vara da cama. Quando me chicoteia. Meu homem diz que serei seu escravo a vida inteira” (FREIRE, 2005, p. 102).

Vale a pena dizer que este recorte está para além do campo gramatical, ou seja, é de uma ordem diferente da materialidade apenas linguística, já que o efeito de sentido se realiza nela, de modo que se encontra “na ordem do enunciável” (COURTINE, 1999, p. 16). Vale a pena ressaltar também que a análise que faremos não é uma análise literária do livro (nosso objeto empírico); é uma análise de recortes transformados em sequências discursivas. Diante disso, por necessidade de nossos gestos de análise, fez-se necessário que as mesmas sequências discursivas fossem organizadas em Redes Parafrásticas diferentes, como será visto adiante. Ou seja, observaremos efeitos de sentidos diversos na mesma sequência só que em redes parafrásticas outras.

A obra cujos recortes analisamos, “Cantos negreiros”, é um livro de ficção escrito por Marcelino Juvêncio Freire, publicado pela Editora Record, em 2005, e ganhadora do prêmio Jabuti em 2006. A obra é dividida em 16 (dezesesseis) – autointitulados – cantos, alguns podendo ser lidos como crônicas outros como contos³. Nela, o autor parece representar o povo negro a partir do seu olhar aos marginalizados, como se tentasse compor a cara, a cor, o jeito...o corpo do Brasil.

O título do livro faz referência a um dos mais famosos poemas épicos e dramáticos brasileiros, “O Navio negreiro”, do poeta Antônio Frederico de Castro Alves. Nele, o poeta condoreiro do Romantismo, que ficou conhecido como “poeta dos escravos”, narra a compaixão para com os negros trazidos para serem escravizados em solo Brasileiro. No entanto, as semelhanças entre o poema de Castro Alves e a obra de Marcelino Freire não se encontram somente no título; ambos os escritores são pessoas brancas⁴ falando sobre

³ Contos e crônicas são gêneros literários em prosa em que se diferenciam, basicamente, em: no primeiro há uma “narrativa breve, escrita ou falada, com uma ação e poucos personagens” já o segundo “consiste na apreciação e narração pessoal dos fatos da vida cotidiana com narrações em ordem cronológicas” (Aurélio, 2023)

⁴ Embora alguns críticos o leiam, hodiernamente, enquanto um homem negro de pele clara, concordamos com Zilá Bernt (1988, p. 57), quando ela diz que “Castro Alves não entrou na pele do negro para ser seu

corpos negros em suas produções. A diferença está, no entanto, na forma das descrições/narrativas.

Ao narrar a trágica travessia continental atlântica, o “poeta dos escravos” se põe na condição de sujeito horrorizado, narrando aquelas desgraçadas cenas durante o Brasil colonial, fazendo com que o leitor se compadeça. Ao falar sobre Castro Alves, Zilá Bernt (1988, p. 59), traçando uma linha da literatura negra no Brasil, dirá que “Já no ‘Navio Negreiro’ (OC, pp. 119-30) há um eu congregacional que nos sugere, repetindo-se ao longo de várias estrofes, que o poeta se inclui no destino dos escravos: / ‘Stamos em pleno mar’”, mas que, logo quando a coisa começa a ficar “feia”, no canto IV, o narrador se afasta e a perspectiva em terceira pessoa aparece. Já Freire (2005), por outro lado, procura narrar em primeira pessoa, o que, de certa forma e na maioria dos casos, faz com que tanto o leitor quanto o próprio escritor se ponham no lugar dos “pobres desgraçados” ainda cativos na contemporaneidade.

Embora se proponha contos e crônicas, alguns dos escritos de Marcelino Freire possuem uma carga poética muito grande. O autor contemporâneo usa de rimas para desenhar a história e prender o leitor; sua prosa poética faz com que nos aproximemos ainda mais daquela obra, a do poeta condoreiro.

Já na apresentação da obra “Cantos negreiros”, Xico Sá (homem branco: o outro), jornalista e escritor brasileiro, nos dá um *spoiler* da obra, dizendo: “é doce, mas não é mole não”, como se advertisse o leitor para a narração vindoura, dizendo-nos, paradoxalmente, que o prazer da leitura, nessa obra, talvez fosse algo difícil de se digerir. O que de fato é verdade. A tentativa de Freire (2005) de retratar uma visão interna das corporeidades negras é plausível, mas agressiva. Incomoda, irrita, condói. O leitor (sujeito negro: o eu) sente na pele todo o estigma que o mundo coloca sobre seus corpos. Mas, ao mesmo tempo, falseia uma dor, fecunda nos corações realmente viventes uma certeza encrustada na não legitimação do autor enquanto sujeito negro. Não há, na autoria, uma dor real do fato ficcionalizado e, não há também, conseqüentemente, uma identificação concreta na recepção.

Para uma melhor localização do leitor, faremos, abaixo, uma breve descrição e um breve resumo dos contos que selecionamos.

porta-voz, mas que apenas tomou o escravo e a escravidão como temática de eleição quase que por força do momento histórico”.

2.1. Canto VIII – “CORACÃO”

Neste conto, de maneira fragmentada e não linear, sem uma estrutura nítida de início, meio e fim, vemos contadas as experiências de Célio, um homem que se envolve com Beto em uma estação de trem.

Célio, que não tem características fenotípicas reveladas, masturba Beto, um homem negro, dito no conto como “moreno bonito”. Beto, sem deixar rastros, some, enquanto Célio continua a pensar no rapaz, criando imaginações íntimas entre os dois: pensando na boca, no desodorante e em Beto gozando em seu travesseiro de cetim; se perdendo em memórias sexuais.

A narrativa faz uso de gírias e algumas expressões populares entre a comunidade LGBTQPIA+ como “bixa”, “viado”, “bofe”, “porra” e “trepada”, fazendo uma marcação linguística de uma fala mais casual e cotidiana. Essa linguagem informal, e até mesmo considerada vulgar, em certos pontos, contribui para criar no leitor uma sensação íntima de identificação com a narrativa. Ao aliar isso com algumas descrições visuais e sensoriais, permite que o leitor, além de imaginar todo o ambiente, se aproxime das experiências pessoais vivenciadas pelo narrador personagem.

Após várias tentativas de reencontrar Beto, Célio finalmente consegue revê-lo no mesmo momento que Célio está masturbando um outro no trem. Eles compartilham mais uma noite, e, infelizmente, Beto desaparece ao amanhecer. Célio é deixado com o “coração partido”, desejando que o “moreno bonito” retorne. A narrativa termina com Célio afirmando que “bixa devia nascer sem coração”.

2.2. Canto XIII – “MEUS AMIGOS COLORIDOS”

A narrativa brinca com o termo “amizades” ao descrever uma série de encontros no decorrer da vida do narrador personagem. No conto, vemos destacadas algumas breves experiências com diversos homens.

A narrativa é contada em primeira pessoa, tentando criar uma conexão direta entre o leitor e o protagonista. Ao longo da narrativa, o narrador personagem usa variados tempos verbais, alternando entre o presente (“eu enrolo”) e o passado (“Cadu foi”, “eu conheci”), deixando nítida a natureza fragmentada de suas memórias e experiências contadas. Além disso, assim como no conto VIII, aqui, temos uma linguagem que se

pretende coloquial sendo empregada, também com o uso de gírias e expressões populares, como “bafo⁵”, “molecada” e “merda”.

Na narrativa, podemos perceber que, com o passar do tempo, o narrador personagem teve algumas experiências amoroso-sexuais: como a que teve com o Humberto, que compartilhava seu interesse por vídeos, fotografia e jazz, e que tocava saxofone; com João Gilberto e, em seguida, com o Dr. Salem, mais velho, que levou o narrador a viajar para a Nova Guiné e Kawasaki. Mais adiante, menciona-se Hermes, um colega de trabalho com quem saía para tomar chope e comer barato. A história culmina em uma mudança para o Brooklin e uma relação mais duradoura com Marcelo, um designer. Vemos contado também o encontro com um arquiteto chamado Rogério.

A história é concluída com o narrador observando um desfile de samba, onde ele percebe um “sentimento profundo” ao ver um dançarino negro na passarela.

2.3. Canto XV – “MEU NEGRO DE ESTIMAÇÃO”

Nesse conto, vemos uma narrativa se desenrolar a partir da fala, também, de um narrador personagem, em que se percebe a transformação social de um homem negro: Benjamin.

O narrador conta que Benjamin trabalhava em um emprego onde se sujava de borracha e agora vivencia uma vida de luxo nos Jardins. Ou seja, Benjamin passa de uma vida de pobreza para uma vida de luxo; de gostar de samba e futebol para desgostar deles; de estar associado a cheiros desagradáveis para apreciar culinária refinada e vinhos, além de passar a temer voltar para casa, devido a supostas ameaças de violência. Esses contrastes que o autor cria destacam a mudança na vida do personagem, retratando uma espécie de embranquecimento social (Cardoso, 1960).

Diferentemente do que acontece nos outros dois primeiros contos que selecionamos, neste, podemos perceber, há algumas marcas linguísticas que variam entre a coloquial e uma mais formal. O narrador utiliza a mais informal ao descrever “seu homem”, e a transformação pela qual ele passou. Entretanto, notamos o emprego da linguagem formal (“sabe escolher vinho à mesa”) quando o narrador fala de viagens,

⁵ Segundo o dicionário Pajubá, “Bafo” e/ou Babado é o mesmo que: um fato que pode dar o que falar. Podendo significar tanto briga e confusão, quanto algo muito bom. Aqui, “bafo”, significa algo como, “bafônico” e “coisa boa”.

culinária e vinhos, deixando nítida a relação contrastante entre a vida anterior de Benjamim e a atual.

Apesar de sua nova vida, o narrador mantém o controle sobre Benjamin. Há, na parte final do conto (que inclusive compõe a SD03), algumas referências a práticas de dominação que delineiam uma dinâmica conflituosa na relação. Notamos, portanto, que o narrador exerce controle sobre Benjamin.

Encerradas as descrições/resumos dos contos, há uma observação, no entanto, que gostaríamos de ressaltar antes da análise propriamente dita. Sem querer parecer uma acusação, mas marcando como lembrete, dizemos que: em uma sociedade na qual a estética negra se torna meio industrial e que a vivência do negro vende, discursivizar sobre esses sujeitos pode não necessariamente significar nadar contra uma cultura canônica hegemônica, mas, pelo contrário, boiar no rio vendável do estigma.

3. TEZ DE ÉBANO

Começamos por dizer que, a partir dos nossos contatos com o livro de Marcelino Freire, pudemos observar que todas as vezes que um personagem aparecia intersseccionalizado nas condições negra e gay, de imediato, uma associação sexual era acionada. Por isso, nos propomos a investigar, neste capítulo, como (e, talvez, por que) essa associação negra, gay e sexo é acionada. Além disso, questionamos: como se dá a (re)criação dessas personagens? Ou melhor: como essa (re)criação pode representar sujeitos-concretos?

Uma busca de interpretação possível para responder à questão que propomos acima está diretamente ligada à necessidade de revisitarmos produções literárias canônicas. Se assim fizermos (e, aí, recomendo ao leitor que, em outro momento, realmente faça com esse olhar), veremos que o negro/gay quase nunca aparece, e, quando aparece, está, regularmente, em posição de subserviência, promiscuidade e/ou marginalidade.

Embora alguns dos contos dessa coletânea reforcem, ainda, esse imaginário, é dado a esses personagens, no entanto, uma certa posição de destaque. Não são ainda protagonistas das narrativas (porque o protagonista é o narrador personagem), mas assumem uma posição importante na narrativa; a de personagem núcleo do protagonista. Ou seja, o protagonista sempre fala dele como o centro, logo ele se localiza também como o núcleo da história junto à personagem principal, fazendo-nos pensar, em alguma medida, na ruptura desses padrões historicamente estabelecidos.

Quando o autor (re)cria suas personagens, ele as insere num espaço específico dentro da obra, como se “seu” imaginário sobre sujeitos concretos que os personagens representam autorizasse essa (re)criação.

Dito isto, e pensando sobre como esse discurso funciona, nos parece necessário mobilizar, também, a noção de Polissemia e Paráfrase, presentificados nas SDs. Pois, como bem nos fala Orlandi (2020, p. 36), “A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico”. Ou seja, é da natureza do discurso a transgressão sem fuga. Ou melhor, transgredir é teatralizar o “novo” estando sempre apoiado no “mesmo”. É por meio da repetição, ou melhor, das multiplicidades de sentidos anteriores ao sujeito, que o novo se estabelece como uma fonte da linguagem, já que “ se os sentidos – e os sujeitos – não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer” (ORLANDI, 2020, p. 36).

Acrescentamos, pois, que por mais que esteja ali, de certa forma, proposto o novo, no sentido de que aqueles personagens são representações de “poder”, estando no núcleo do protagonismo, o modo como o novo é posto reforça o estigma dessa representação. Dito de outro modo, entra em funcionamento a Paráfrase, de modo que há, ainda, uma estabilização de sentidos historicamente estabelecidos sobre a corporeidade negra/gay. Apesar de representados na posição de núcleo do protagonismo (o novo), ainda são lidos pelo viés do estigma relacionado a seu corpo (o mesmo). Mas que estigma seria esse?

Observemos isso nas mesmas SD mencionadas acima (no tópico 2) só que destacadas, em negrito, as partes que compõem a primeira Rede Parafrástica (RP01):

SD01 Canto VIII “**Célio conheceu Beto na estação de trem, em setembro. Moreno⁶ bonito. Célio acariciou o membro de Beto no aperto vespertino, no balanço ferroviário. Beto gozou na mão do viado.** Encabulado mascou seu chiclete, **desceu e nem olhou pra trás, para Célio.** Célio feliz por um certo tempo. A gosma entre os dedos. A porra a gente esconde no ferro, debaixo do banco”.

SD02 Canto XIII “Enquanto o arquiteto sumiu na bateria, fiquei pensando. **Tenho certeza que agora, finalmente, conheci o amor da minha vida.** Meu primeiro amor, depois de tantos anos. **Falo daquele negronegronegronegro ali, rebolando.**

SD03 Canto XV “**Meu homem me obedece e me respeita.** Por incrível que pareça, **mesmo quando me põe de quatro, me machuca, me prende à vara da cama.** Quando me chicoteia. **Meu homem diz que serei seu escravo a vida inteira**”.

Para responder à pergunta supracitada, precisamos voltar um pouco no tempo para entendermos que “[...] as características biológicas ou culturas só são significantes de raça ou gênero em determinadas circunstâncias históricas, portanto políticas e econômicas” (Almeida, 2021, p. 55-56). Temos, então, nessa RP01 e, portanto, nas SD que selecionamos, um corpo masculino sob dois sistemas de opressão. Um enraizado na história colonialista, outro no sistema patriarcal. Há uma encruzilhada entre biologia e cultura, já que “o elemento central para as classificações de cor e sexo é a distribuição, socialmente aprovada, de atributos relativos a cada uma dessas posições” (Alves, 2004, p. 357). Para entendermos, então, como o imaginário socialmente construído sobre um

⁶ Tomamos, aqui, *moreno* como um sinônimo possível adotado pelo autor para uma suposta amenização da carga semântica que a palavra *negro* ou *preto* pudesse trazer e/ou uma forma “carinhosa” da personagem (ou, talvez, do autor num processo de identificação) se referir ao personagem racializado por quem passou a nutrir um sentimento, que interpretamos, aqui, como uma forma de negar a sua identidade. É como se dissesse “você não tem nada a ver com os verdadeiros pretos. Você não é negro, é [só] excessivamente *moreno*” (Fanon, 2018, p. 73).

corpo interseccionalizado nessas condições produz efeitos de sentido, precisamos, antes, entendê-lo sobre duas unidades: raça e sexualidade. Para isso, faremos uma caminhada pelo percurso historiográfico das suas construções identitárias. Pedimos, caro leitor, que não perca de vista nosso material de análise, uma vez que, é, extremamente necessário que rememoremos durante esse trajeto. Caminhemos.

Partimos da premissa formulada por Fanon (2008) na introdução do livro “Pele negra máscara branca”, de que “[...] o negro não é um homem” (Fanon, 2008, p. 26); ele não deve ser visto separado da sua raça, o negro é, acima de tudo, “um homem negro” (p. 26) e, por isso, veremos, aqui, antes de pensá-lo em sua “condição” sexual, o Homem-Negro como uma unidade. Um único ser, um sujeito racializado⁷.

Talvez o ponto inicial para entendermos a forma como o sujeito racializado é discursivizado em solo brasileiro seja, antes, perpassar pela consciência de que, há pouco menos de 200 anos, vivíamos sobre domínio colonizatório europeu. O crivo do colonizador determinava e subjugava, sob uma ótica europeia, as capacidades dos sujeitos. “Foram, portanto, as circunstâncias históricas de meados do século XVI que forneceram uma ideia específica de raça” (ALMEIDA, 2021 p.25). Ou seja, por “de trás” do que chamamos de raça, hoje, há um complexo histórico de existência humana e construção do europeu como o “homem universal”, que desconsiderou, sob uma ideia forçosamente inventada de determinismo biológico/geográfico, qualquer sujeito que fugisse do ideal europeu.

Do século XVI ao XIX, o Brasil passou por um longo processo de escravatura. Negros dos mais distintos lugares do continente africano eram raptados no intuito de transformá-los em escravos. Aqui, na colônia portuguesa, os mercadores negreiros expunham suas “mercadorias” humanas, como quem, amparado pelas engrenagens lusotropicais, beneficia-se do sistema de produção racial. Os negros, praticamente nus, eram manuseados, apalpados, seus órgãos genitais avaliados e, quando agradavam os feitores, comprados.

⁷ Pensamos, aqui, sujeito racializado como aquele que tem processos de racialização lhe atravessando, podendo ser atribuído também aos grupos étnicos marginalizados. Tomamos, neste trabalho, o sujeito negro, também, como um sinônimo possível para sujeito racializado, assim como seria possível pensar em sujeito indígena ou sujeito cigano, por exemplo. Para pensarmos a forma por meio da qual o sujeito, no nosso material, é discursivizado, acreditamos que seria possível mobilizar a noção de Discurso racializado (Modesto, 2021); mais especificamente, diríamos que o discurso de Marcelino Freire se trata de um discurso racializado “sobre” o sujeito gay. Uma observação, no entanto, que é necessária de ser ressaltada é que, neste material em específico, não há uma tentativa de apagamento da racialização; pelo contrário, ao discursivizar em sua obra, o autor tematiza o sujeito negro/gay como “ruptura” do que o cânone majoritariamente fez/faz, mas amparado, ainda, no imaginário colonial.

Lá, no seio do continente-mãe, era tudo diferente. Aqui, extirparam suas culturas, crenças, suas formas de ver o mundo, estabelecendo relações de poder hierarquizadas que desconsiderariam suas subjetividades e estruturariam uma lógica eurocêntrica judaico-cristã. Desta forma, o discurso fundador (Orlandi, 2001) que se arraigou, é o de que a “pele não branca e o clima tropical favoreceriam o surgimento de comportamentos imorais, lascivos e violentos, além de indicarem pouca inteligência” (ALMEIDA, 2021, p. 29). Logo, sujeitos negros foram considerados, portanto, primitivos; animais. Desta forma, diz-se do “eu” que

a escravidão desenraizou o negro do seu meio social e de família, soltando-o entre gente estranha e muitas vezes hostil. Dentro de tal ambiente, no contato de forças tão dissolventes, seria absurdo esperar do escravo outro comportamento senão o imoral, de que tanto o acusam (Freyre, 1998 p. 207).

Ao fazer a afirmação supracitada Freyre está falando também de um imaginário estigmatizado sobre esses sujeitos a partir da ótica do outro. A expansão colonial enraizou, no novo mundo, um discurso que legitimou e fez do racismo uma peça central do quebra-cabeça das subjetividades humanas. A travessia do Atlântico fez brotar, na “nova terra”, uma heterogeneidade de sujeitos e um juízo de estereótipos que fez de alguns corpos alvos sistemáticos de discriminação. Como esperar algo senão imoralidade se o imaginário diz que esse sujeito, esse corpo racializado, é imoral?

Desta forma, dizemos que, desde que os negros foram brutalmente e forçosamente retirados de África e trazidos para serem escravizados neste solo que hoje chamamos de Brasil, passamos por um processo de avaliação de identidades, cultura, raça e de nossos corpos. Aqui, comercializados e atribuídos a nós um valor significativo de nossas capacidades, o racismo foi base fundamental para a avaliação que poderia variar desde tributos relacionados à força física até a capacidade sexual, num processo escancarado de objetificação sexual, naturalizando um imaginário libidinal da “raça negra”.

As relações assimétricas de poder estruturalmente estabelecidas na sociedade brasileira têm, alicerçadas nos estereótipos, um racismo que se mascara entre quatro paredes e na cama com o homem negro. Ou melhor, é lá na intimidade que o sujeito negro é subjugado por um potencial pretencioso de performance, atributo e potência sexual que outrora nos tornava comercializáveis em praça pública.

Por outro lado, ou nem tanto assim, o imaginário sobre o sujeito gay está alicerçado em um conjunto de crenças que fogem da marcação de performatividade masculina, ou seja, os sujeitos, nessa condição, estariam contrariando uma norma do que é ser homem, sendo, então, vistos e designados como sujeitos anormais ou doentes. Aliás, por muito tempo, as relações homoeróticas entre homens estiveram ligadas ao uso do termo homossexualismo, para classificar, portanto, como uma espécie de doença, passível de cura e cujo tratamento fazia-se necessário.

Aqui, é necessário dizer que “seremos obrigados a repetir as mesmas palavras do Dr. Pires de Almeida: ‘A pederastia no Brasil carece (ainda) de observação e pesquisa’” (Mott, 1988, p.20). O termo Pederastia remonta a períodos remotos desde a Grécia quando designava a relação erótica e sexual entre um homem e um jovem. Até pouco tempo atrás, o termo era usado para designar a homossexualidade como doença.

No livro “Outsiders: estudo de sociologia do desvio” de 1960, Howard S. Becker desmistifica em certos pontos a ideia de patologia referente à homossexualidade, afirmando que esta prática era mais comum do que se imaginava. Diante disso, Daniel Borrillo, em seu livro “Homofobia: história e crítica de um preconceito” (2010, p. 45), dirá que “a sociedade grega considerava a homossexualidade como legítima”, já que era uma prática iniciativa como um preparo para a vida marital. O autor ainda acrescenta, dizendo que,

na Roma Clássica, a homossexualidade era tolerada sob as seguintes condições: não afastar o cidadão de seus deveres para com a sociedade; não utilizar pessoas de estrato inferior como objeto de prazer e, por último, evitar absolutamente de assumir o papel passivo nas relações com os subordinados (Borrillo, 2010, p. 46).

Como na Roma Clássica, aqui, os senhores de engenhos abusavam de seus “negrinhos” e faziam deles engrenagem fundamental do erotismo iniciativo do menino branco. Os meninos negros chamados de “leva-pancadas” e “companheiros de brinquedos” do menino aristocrata, eram vítimas, não raras, do branco que o abusava “por motivação dos seus impulsos sexuais da puberdade” que mais tarde se transformaria, quando homem feito, num sadismo eminente “no simples e puro gosto de mando, característico de todo brasileiro nascido ou criado em casa-grande de engenho” (Freyre, 1998 p. 57). O estranho é que, pouco antes da invasão do Brasil, em Portugal, a homossexualidade era vista como um dos pecados mais sujos, em que seus praticantes eram julgados, castrados e condenados à pena de morte (Mott, 1988). Assim, em volta de

uma visão europeia, na contradição entre o estupro do povo negro e o pecado do sujeito gay que a sociedade brasileira estruturou-se.

No Brasil colônia, a população negra brasileira, como mercadoria, foi, por muito tempo, objeto de prazer sexual do colonizador. No livro “Escravidão, sexualidade e demologia” (1988), Luiz Roberto de Barros Mott, antropólogo, pesquisador e ativista LGBTQIA+ dirá que, nas “ligações homoeróticas heterocromáticas, nem sempre a iniciativa da relação partia do branco dominador: há casos em que o ‘sedutor’ é da raça inferiorizada”. Em seguida, o autor conta uma situação em que o “mulato escravo da casa” “seduziu” o filho de um juiz a “pecarem em sodomia” (os termos entre aspas são os mesmos usados por Mott 1988, p. 29), levando-nos a confirmar, a partir do próprio uso do termo “seduzir”, que há, no imaginário coletivo, a ideia de que o negro homossexual carrega consigo um estigma que põe seu corpo no vislumbre de práticas sexuais.

A sodomia passou, então, a ser pecado, abaixo da linha do equador, enquadrada na categoria de nefanda, indigna de falar, pecado, um horror. Mott(1988), ainda, delinea alguns “aspectos marcantes das relações nefandas entre a população de cor da Bahia colonial” (Mott, 1988, p. 33), relatando sumariamente algumas práticas sexuais. Contrariando as tolerâncias de Roma clássica, aqui, corpos que fugiam do estereótipo europeu (negros e indígenas escravizados) eram alvos constantes das denúncias relacionadas às chamadas “práticas pecaminosas”.

Ao chegarem a África, Japão, Índia e ao Brasil, os portugueses encontraram diversos povos e sociedades que praticavam abertamente o homossexualismo, tanto masculino quanto feminino.[...] Nossa sociedade, herdeira da moralidade Judaico-cristã, infelizmente situa-se dentro do grupo minoritário que hostiliza o homoerotismo (Mott, 1988, p. 23)

Essa hostilização se fundamenta nos atravessamentos entre discursos científicos e religiosos. No Brasil do século XX, constata-se que, “até 1984, ainda classificavam oficialmente o homossexualismo como ‘desvio e transtorno sexual’”(Mott, 1988, p. 20), e é nesse contexto que, em 1982, surgem os primeiros casos da epidemia de Aids em solo brasileiro. Não só aqui, como em todo o mundo, a ideia de transmissão estava diretamente relacionada aos sujeitos gays. Estabeleceu-se a ideia de que a identidade desses sujeitos estava relacionada à promiscuidade e que o sexo desenfreado praticado por essa “população pecaminosa” era causa da epidemia.

Diante do exposto e de toda a condição imaginária à qual um sujeito negro e gay é submetido, chegamos ao ponto égide desta discussão, que nos põe junto à afirmação de

que estamos falando, portanto, de “códigos sociais que nos obrigam a olhar para os corpos como prenes de significados” (Alves, 2004, p. 357). É a partir desse olhar que passamos a perceber que é atrelado tanto ao homem negro quanto ao homem gay, a partir de uma memória discursiva acionada sobre esses sujeitos, uma objetificação, numa espécie de “inventário da fetichização” (Pinho, 2016), que torna seu corpo atravessado pelos imaginários sobre sua cor e sua sexualidade, um alvo que o relaciona ao sexo, ou por assim dizer, à sexualização exacerbada de seu corpo.

Voltando um pouco para as SDs que selecionamos, percebemos que, pela atualidade deste imaginário, há uma hipersexualização relacionada ao homem negro/gay, que se faz explícita ao vermos a forma pela qual Marcelino Freire opta por descrever detalhadamente as interações sexuais dos personagens, dando ênfase nos seus fenótipos. Vemos também a opção pela descrição dos atos sexuais explicitados no acariciar do membro de Beto e na ejaculação na mão de Célio e na relação de submissão e obediência entre os personagens branco e negro. Ademais, vemos que o autor enfatiza as características físicas dos personagens na SD01 ao falar sobre a beleza de Beto e, na SD02, ao fazer menção à cor da pele do amante, limitando-o a uma objetificação sexual, e enfatizando o prazer físico em detrimento de aspectos outros.

De maneira mais gritante, dizemos que, na SD01, há a descrição de um encontro sexual, em um transporte público entre Célio e Beto. Percebemos uma ênfase nos atributos físicos de Beto (“moreno bonito”) e nas reações dos personagens, sem, no entanto, atribuir uma fala ou qualquer coisa do tipo ao personagem racializado. Podemos inferir que há, ali, uma forma de objetificação dada à aparência física desse personagem, reduzindo seu corpo a um objeto de desejo sexual.

Outra observação que vale a pena comentar está na construção que Marcelino Freire faz do personagem núcleo do protagonismo e sua relação com o protagonista num encontro sexual casual. Mesmo sem nunca terem se visto antes ou sem qualquer contexto emocional ou relacional anterior, há, ali, uma prática sexual de *gouinage*⁸, contribuindo para a hipersexualização do homem negro, já que o corpo de Beto é tratado como um mero objeto de prazer.

Na SD02, Marcelino Freire coloca no narrador personagem uma descrição do encontro com o “amor à primeira vista” ao encontrar o personagem negro, fazendo

⁸ O dicionário inFormal define *Gouinage* como “Termo em francês que significa a prática sexual entre homens sem haver penetração; Sexo entre homens apenas com beijos, carícias, masturbação e sexo oral sem penetração” (2023)

questão de ressaltar a cor de sua pele como uma característica marcante e necessária. O termo negro é usado 4 vezes (“**negronegronegronegro**”), de forma repetitiva para descrever o outro, o que afirma a redução da identidade dele à forma como seu corpo é lido, além de enfatizar o estereótipo racial que hipersexualiza homens negros. Faz-se necessário notar também que ao descrever esse sujeito racializado como alguém que está ali “rebolando”, o autor põe nesse corpo uma objetificação sexual, onde é enfatizado seu corpo, novamente limitando a forma como ele é visto.

Também na SD03, talvez de forma mais explícita, vemos uma hipersexualização do homem negro. Nela, vemos descrita uma relação aparentemente BDSM⁹ em que o narrador-personagem fala sobre o sujeito negro e sobre como, na cama, ele é submisso ao seu parceiro, mesmo que, fora da cama, o parceiro o obedeça e o respeite. Nesta SD, há uma descrição explícita de relações de submissão e “dor”, em que os papéis se invertem. Na cama, o negro machuca e chicoteia; fora dela, respeita e obedece, em uma situação que rememora relações entre feitor e capataz. O uso do termo “meu homem” pode ser interpretado como uma forma de controle ou possessão, do personagem branco sobre o sujeito negro.

Outra situação que vale a pena ser mencionada nessa SD diz respeito à construção frasal “escravo à vida inteira”, trecho em que vemos reforçado um imaginário estruturalmente estabelecido e relacionado aos homens negros, e que se inverte como se o homem negro colocasse o branco em uma condição que outrora lhe pertencia. Dessa forma, Marcelino Freire constrói uma narrativa na qual há um sujeito dominador sexual perpetuando, explicitamente, o ideal de homem negro como sujeitos sexualmente agressivos, além de dizer que eles, nas relações eróticas inter-raciais, são dominadores e só nesse momento o branco se torna submisso.

Nota-se, portanto, que é (re)produzido pelos aparelhos ideológicos (Althusser, [1974] 1980) e, por consequência, pelos sujeitos que compartilham desse imaginário ou que fazem parte de uma estrutura que (re)apresenta esse imaginário, uma hipersexualização que visualiza uma performance sexual, reforçada, por exemplo, na indústria pornográfica.

Deste modo, tudo que já foi dito (pela história, pelos sujeitos, pelas estruturas...) sobre os sujeitos negros e sobre os sujeitos gays encontra-se materializado nas sequências

⁹ BDSM é uma sigla que representa as práticas de *Bondage*, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo. É um conjunto de atividades eróticas ou sexuais que envolvem o consentimento mútuo e a exploração de dinâmicas de poder, controle e prazer entre os participantes (Meudicionário.org, 2023)

discursivas entre o já dito pela história, o que está sendo dito na obra, ou melhor nas SD que analisamos, e até no Não-dito (como veremos adiante), tornando-se mais perpetuado quando encontramos um sujeito, nessa encruzilhada do pertencimento, nas duas condições. Mas quem (re)constrói esses personagens? A partir de que lugar ele enuncia?

3. UBUNTU

É por tudo que já foi dito anteriormente, pelas representações por meio das quais os personagens são colocados, que chegamos a este tópico de análise, que consiste em problematizar: a partir de que posição de sujeito o autor das SDs enuncia? Como o autor branco pode hipersexualizar o sujeito-negro/gay?

A Filosofia Ubuntu, termo não traduzível, mas que pode ser definido como “eu sou, porque todos nós somos”, embora muito antiga, está relacionado diretamente com o advento pós-Apartheid, e é parte da identidade dos povos Bantus da África subsaariana que, em contrapartida à ideia ocidental individualista, define uma prática de/em comunidade. Ramose (2002) postula a ética do Ubuntu como “o ser-sendo”, um pensamento sul-africano, uma qualidade humana. Nesse sentido, esta filosofia vai ao encontro do que pensa a AD, já que somos sujeitos ideologicamente interpelados, ou, como melhor definiu Althusser (1974), ao falar sobre os “Aparelhos Ideológicos do Estado”, um efeito ideológico elementar inserido no mundo e assujeitado pelos aparelhos do estado. É por isso que o senso de coletividade deveria apanhar-nos e nos levar rumo ao entendimento de que não falamos/pensamos/agimos sozinhos; há uma comunidade que fala/pensa/age juntos sob os “mesmos” efeitos ideológicos. Do mesmo modo, a Ideologia age criando a sensação de que não somos resultantes de um processo (ALTHUSSER, 1980, PÊCHEUX, [1975]1997). É aí que o esquecimento afeta o sujeito, e por assim ser, nos distanciamos um pouco da filosofia.

Enquanto a máxima Sul-africana pensa numa prática que deveria ser efetiva entre os sujeitos, Pêcheux ([1975]1980), em *Semântica e Discurso*, define conceitos que, embasados no que chamou de Esquecimento, em duas vertentes, dirá que os sujeitos agem conforme uma ilusória convicção de serem desde sempre (origens de si), o que justificaria, por exemplo, a não-vivência Ubuntu.

Diz-se sobre o Esquecimento nº 1 que “o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina” (Pêcheux, [1975] 2009, p. 162). Já no nº 2, o autor dirá que “todo sujeito-falante ‘seleciona’ no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase” (Pêcheux, [1975] 2009, p. 161). Ou seja, enquanto, no esquecimento número 1, o sujeito, por não poder acessar o processo de interpelação, se coloca como o único produtor do seu discurso, enquanto fonte exclusiva na enunciação, no esquecimento número 2, o sujeito reformula o seu discurso para se fazer entender, ou

dizer mais compreensivelmente. E é justamente no esquecimento 1 que a questão da interpelação ideológica entra, quando ocorre o apagamento inconsciente das diversas formações ideológicas numa dada formação discursiva. Nunca é tarde para ressaltar que, para a AD, o indivíduo se torna sujeito quando é interpelado pelas ideologias, embora ele seja sempre-já sujeito (Althusser, [1974] 1980). Esse assujeitamento no qual nos inserimos, por meio do qual nos constituímos involuntariamente e inconscientemente diz sobre a existência histórico-social de todos.

Por isso, justificamos que Marcelino Freire não enuncia sozinho; ele fala conforme uma estrutura estabelecida que autoriza a produção de “seu” discurso. É o imaginário que condiciona os efeitos de sentido produzidos pelo sujeito. No entanto, o sentido não existe numa estrutura fixa, presa ao sujeitos e/ou aos signos por ele enunciados; ele, o sentido, se faz determinado a partir de um complexo de formações imaginárias/ideológicas (Pêcheux, [1969] 1997) que são acionadas ao se produzir o discurso, situando-o numa condição socio-historicamente estabelecida.

Sabendo que ninguém enuncia sozinho e que “um dizer tem relação com outros realizados, imaginados ou possíveis” (Orlandi, 2020, p. 37), não podemos deixar de considerar os recobrimentos da/na obra, no sentido de que o sujeito analista, estando também na condição de leitor e/ou de homem negro e gay, pode(ria), de alguma forma, estar relacionado ao lugar de sujeito passível de hiperssexualização. Ou seja, os personagens “representam/riam” também o sujeito-analista/leitor (o que é inegável; inclusive, é esse um dos aspectos que autorizam nossos gestos de interpretação).

Hipoteticamente, contudo, se considerássemos essa obra uma obra de literatura afro-brasileira/negra (o que, para nós, não se pode fazer, por diversos motivos¹⁰), poderíamos acrescentar dizendo que o autor, também junto com os leitores, até mesmo os personagens, poderiam, sim, estar relacionados entre si, ou melhor, que haveria, ali, uma aproximação ou uma representação efetiva de todos. Havendo essa aproximação, supomos que a hiperssexualização não aconteceria, pois, sendo o autor negro, situado em certa posição de opressão, e tendo ciência das representações historicamente estruturadas sobre seu corpo, ele faria com que sua obra navegasse na direção contrária (Bernt, 1988)

¹⁰ O conceito de literatura negra “emerge da própria característica dos signos: a de estarem em um permanente movimento de rotação, onde os signos que nos exilam podem vir a ser os mesmos que nos constituem na dimensão humana” (Bernt, 1988). Dessa forma dizemos que, na obra de Marcelino Freire, não há um eu enunciador negro, não se constrói uma “epopeia” desses sujeitos, não se elabora uma reversão de valores estruturalmente estabelecido sobre sujeitos negros, além de não estabelecer uma nova ordem simbólicas sobre esses sujeitos, embora se proponha algo novo, ao tornar os personagens como quase protagonistas não há uma completa ruptura do que se convencionou a fazer pelo cânone literário.

e/ou usaria de artifícios, como tom cômico, para fazer suas críticas sociais, como bem fez o ilustríssimo Luiz Gama na poesia.

Dito de outro modo: há, nos discursos, uma relação de poder de modo que algum discurso proferido por um sujeito em dada posição aciona um mecanismo imaginário, fazendo com que o mesmo discurso signifique de modo diferente ao ser (re)produzido por outro sujeito em uma outra posição, ou seja “o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (Orlandi, 2020, p. 37). Logo, este recobrimento se dá, nessa obra, justamente porque o autor dos “Contos negreiros” permite, a partir do seu imaginário, que o leitor-analista seja também visto na posição de sujeito hipersexualizado, já que seu corpo é, de certa forma, semelhante aos daqueles ali representados, mas não dos leitores no geral, já que podem ser corpos não negros e não gays também.

Dito isso, poderíamos, então, nos questionar se o autor branco não estaria, então, enunciando a partir da posição de “sujeito identificado com a negritude” e/ou “sujeito identificado com a causa gay”. Respondendo diretamente a essa pergunta diríamos que o sujeito-autor branco, ao discursivisar sobre o sujeito negro, (re)produz sentidos distintos do que seria (re)produzido por um sujeito negro.

Apesar do sujeito branco, supostamente, “simpatizar-se” com o discurso do homem negro, socio-histórico-ideologicamente permanece, ainda, uma posição de homem branco, ou seja, os fatos históricos sempre nos lembram/rão que um sujeito branco nunca ocupará a posição social e enunciativa de um sujeito negro, pois não são vistos/lidos, valorados e não vivenciam o mundo do mesmo modo.

A memória, que é acionada coletivamente, e que parece encrostada nas almas de ébano, nos lembra que, aqui, no Brasil, a corporeidade negra, por exemplo, foi vendida, abusada, desvalorizada e, por isso, ainda sofre inúmeros ataques que nos põem no estigma, na margem e na definição por estereótipos. De mesmo modo, se trouxermos, novamente, toda a construção da identidade homossexual à qual o sujeito, que não carrega consigo uma performatividade convencionalmente aceita alicerçada nos moldes de virilidade, estaria carregando consigo um defeito, uma doença, se diria sobre um desvio da normatividade. Ou seja, o sujeito “doente”, “monstro”, “promíscuo” e, em um discurso como este, interseccionalizado, seria, então, descrito pelo viés da hipersexualização. Logo, “simpatizar-se” ou “identificar-se” com a luta da negritude ou com a causa gay faria com que o sujeito branco, ciente da posição de sujeito privilegiado

historicamente, minimamente, tentasse romper com as formas de (re)produção do discurso hegemônico.

Se o autor (Marcelino Freire), então, não se posiciona como sujeito que se identifica com a negritude/ homossexualidade, que posição de sujeito ele assume?

Antes de responder a essa pergunta, precisamos entender que se convencionalizou e passou a ser amplamente aceito pelos críticos que o texto literário está aquém do escritor. “O texto nada fala sobre o autor, senão sobre sua habilidade na escrita”. “O bom escritor é aquele que sabe se colocar distante do seu material de trabalho”. Se assim fosse, parafraseando Indursky (2019, p. 37), diríamos, então, que o escritor é cego e surdo. Só assim um texto “extra-escritor” seria produzido.

Todo sujeito ocupa um lugar discursivo, este lugar, ou melhor, esta posição é determinada pelas formações ideológicas (FI). Não cabe ao sujeito compreender tudo que é produzido discursivamente; foge dele, não se pode acessar completamente (esquecimento 1). O que ele pode e assim “faz” é identificar-se com determinada FD, acionando formações imaginárias específicas, e, assim, (re)produzir “seu” discurso, que revela, em maior ou menor grau, sua posição de Sujeito. Por exemplo: Marcelino Freire, sujeito ideologicamente interpelado, ao escrever sua obra, assume-se na função-Autor. Já que “a autoria é uma função do sujeito (Orlandi, 2020, p. 72), ele escreve, narra, cria personagens, cenários, brinca/joga com as palavras. A ele serão cobradas todas as exigências que se esperam de um escritor. Orlandi (1988) dirá, formulando o conceito de “assunção da autoria”, que o escritor assume a responsabilidade do que está dito. Sendo assim, voltamos à nossa pergunta: Que sujeito é esse? Uma coisa sabemos: ele é um autor branco, discursivizando sobre corpos negros/gays. Mas que posição de sujeito ele assume?

Observemos os grifos (em negrito) que compõe a RP02:

SD01 Canto VIII “**Célio conheceu Beto** na estação de trem, em setembro. Moreno bonito. Célio acariciou o membro de Beto no aperto vespertino, no balanço ferroviário. **Beto gozou na mão do viado**. Encabulado mascarou seu chiclete, **desceu e nem olhou pra trás, para Célio**. Célio feliz por um certo tempo. A gosma entre os dedos. **A porra a gente esconde no ferro, debaixo do banco**” (FREIRE, 2005, p. 59).

SD02 Canto XIII “Enquanto o arquiteto sumiu na bateria, **fiquei pensando. Tenho certeza que agora, finalmente, conheci o amor da minha vida**. Meu primeiro amor, depois de tantos anos. Falo daquele negronegronegronegro ali, rebolando” (FREIRE, 2005, p. 91).

SD03 Canto XV “**Meu homem me obedece e me respeita**. Por incrível que pareça, mesmo quando me põe de quatro, me machuca, me prende à vara da

cama. Quando me chicoteia. Meu homem diz que serei seu escravo à vida inteira” (FREIRE, 2005, p. 102).

Na **SD01**, vemos que tanto a terceira pessoa do singular quanto a primeira do plural são adotadas. A história de Célio e Beto é contada a partir da visão de um Narrador Onisciente.¹¹ Marcelino conta, usando as técnicas que se espera de um escritor, nas primeiras frases, um fato observado de fora: **“Célio conheceu Beto”, “Beto gozou na mão do viado”, “desceu e nem olhou pra trás, para Célio”**. No entanto, na última frase da SD01, Marcelino resolve fazer com que o narrador se coloque também na condição de Célio: **“A porra a gente esconde no ferro, debaixo do banco”**. Ao adotar a locução pronominal “a gente”, equivalente ao pronome “nós”, ao invés de “ele” ou “Célio”, o autor produz o efeito de que aqueles personagens, bem como o narrador, estão na mesma posição. Pertencem a um mesmo grupo. Poderiam até ser lidos como uma unidade. Que unidade seria essa? Usuário de transporte público(trem)? Sujeito gay? Sujeito negro? Sujeito negro/gay?

Para responder essa pergunta precisamos voltar um pouco na história contada em sua totalidade para entender quem é Célio. No conto, não há uma definição de como seria o nosso protagonista. Sabemos, no entanto, que ele é um homem gay que trabalha em uma confecção de roupas e procura prazeres momentâneos em um trem. Um dia, encontra Beto, e o descreve como “moreno bonito”. Diante disso, dizemos: se está dito que Beto é um homem negro, o não dito, por ser “subsidiário ao dito” (Orlandi, 2005, p. 82), nos abre a possibilidade de que Célio é um homem branco. Marcelino, então, coloca seu narrador e Célio numa posição de igualdade, onde ambos podem ser lidos como homens brancos/gays¹² falando sobre um homem negro.

Ao contrário do que acontece na SD01, na **SD02**, é adotada, em todo o texto, a primeira pessoa do singular. Marcelino Freire não fala por um coletivo. Ele é parte integrante desse coletivo. Apesar de que, ao narrar a história, Marcelino Freire constrói,

¹¹ No segundo parágrafo do conto, um narrador onisciente é evocado. No entanto, no primeiro, e a partir do terceiro parágrafo, vemos um diálogo entre dois (narradores-)personagens, como se um contasse a história ao outro. Já que fizemos um recorte do texto e transformamos em Sequência discursiva, julgamos justo aproximar Marcelino, na Função-autor, do narrador onisciente.

¹² Para um trabalho futuro, o autor deste trabalho pretende levantar a hipótese da existência de um “sujeito personagem”, a partir da formulação de Efeito-sujeito, por meio dessa aproximação entre o sujeito-autor e o narrador-personagem. Não obstante, sabemos que, para a AD, é preciso “cautela” para pensar em um sujeito-personagem, já que o sujeito só *é/existe* como efeito de uma interpelação ideológica. Pretendemos dizer que, ao discursivizar em primeira pessoa, o autor se coloca no texto, permitindo ao leitor/analista uma associação direta entre ambos, mas que a forma-sujeito como efeito ideológico pode fazer deles (autor e personagem) sujeitos diferentes. O autor deste trabalho acredita, também, que essa suposta existência de um “sujeito personagem” não estaria dado em todos os casos que o narrador em primeira pessoa aparecesse. Mas deixaremos essa discussão para um próximo trabalho.

ainda, uma visão do “outro” para o “eu”, na frase: “**fiquei** pensando. Tenho certeza que agora, finalmente, **conheci** o amor da minha vida”. Os verbos “fiquei” e “conheci”, em primeira pessoa do singular no pretérito perfeito do indicativo, nos dizem que o fato narrado aconteceu e se encerrou num dado momento do passado, ou seja, a partir do momento em que o arquiteto sai de cena (provavelmente um homem branco e de bom *status* social), o homem negro entra em cena. No entanto, ao se referir ao personagem negro, sobre quem não é dada nenhuma informação adicional, a não ser sua cor, usa-se o pronome demonstrativo “aquele”, nos dizendo que, apesar de ser o seu “amor da vez”, ele, o personagem núcleo do protagonista, ainda se encontra distante do protagonista. O que nos leva à mesma conclusão da SD01: o protagonista ainda é um personagem branco, assim como o autor, falando sobre um corpo negro. Ou melhor, é (re)produzido pelo autor um discurso do sujeito branco sobre o sujeito negro pelo viés do estigma, sustentado no imaginário coletivo sobre esses corpos.

Na **SD03**, o uso do pronome possessivo em primeira pessoa revela, ainda, uma visão do “outro” para o “eu”, como nas outras SDs. Aliás, é aí que a hipersexualização desse sujeito acontece de forma ainda mais gritante que nas outras, como falamos no capítulo anterior.

A Rede que construímos só entra numa relação de Paráfrase a partir dos grifos que destacamos, já que, em todas as SDs, percebemos que, discursivizando em primeira pessoa, como faz Marcelino Freire ao se referir aos corpos negros, ele está assumindo uma posição que ele também carrega. Freire não é apenas o escritor. A obra pode ser vista como uma materialização de ideologias que interpelam Freire em sujeito. O narrador personagem se torna, nessa perspectiva, um indício de ideologias (re)produzidas pelo sujeito autor.

Como dissemos em capítulo anterior, os personagens são criados sob um viés interseccional: negros/gays. E é aí, que nos engendramos a questionar, sem sequer ter respondido a pergunta primária, mas já nos encaminhando pra isso, se Marcelino Freire, ao optar pelo “**a gente**”, se colocando na condição de sujeito gay não racializado, já não estaria autorizado a dizer o que diz e como diz.

Pensamos que justamente um sujeito branco numa posição como a que este autor está, falando como ele fala, é extremamente delicada. Por isso, compreendemos que este sujeito branco, mesmo estando na condição de sujeito gay, jamais ocupará a posição de um sujeito negro/gay (nem se projetando em sua narrativa). Ao afirmar isso, nos perguntamos: não é possível que um homem branco crie personagens negros? Sim. É

possível, tanto que Marcelino o fez. Porém, este corpo branco não compartilha de um corpo social coletivo racializado e interseccionalizado, embora carregue consigo um desses sistemas de opressões. O que ele faz, e a esse ponto pode parecer óbvio afirmar, nada mais é que uma “crítica nos limites aceitáveis pela classe dominante” (Bernt, 1988), ou seja ele reproduz, talvez inconscientemente, um imaginário interseccionalizado sobre sujeitos hipersexualizados.

Dizemos, portanto, que há em funcionamento, em todas as SDs, a Formação Imaginária como condição de Produção do discurso, no sentido que, como disse Pêcheux ([1969] 1997 p. 82), “o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. Ou seja, é a partir dos processos discursivos de um homem branco, sob o viés do imaginário sobre corpos negros/gays, que os personagens são construídos.

Podemos afirmar, e agora respondendo a primeira pergunta deste capítulo de forma mais marcada, que os efeitos de sentido são determinados pelo imaginário que dita e expõe a posição do autor e sujeito do discurso na condição de sujeito-autor-branco colonial. Um sujeito que se marca enquanto uma figura expressiva no/do cânone literário brasileiro, com o poder de (re)criar uma representação de sujeitos concretos a partir dos seus personagens, hipersexualizando-os e submetendo-os, assim, às teias da promiscuidade. Dizendo, ainda, de outra forma, o sujeito na posição de sujeito-autor-branco colonial sob a cena imaginária brasileira, aciona discursos interseccionalizados sobre sujeitos concretos, ficcionalizando-os e, pensando no funcionamento parafrástico e polissêmico, (re)criando o “novo”(sujeito negro no núcleo do protagonismo) amparado no “mesmo” (o sujeito negro hipersexualizado).

4. ILE IFÉ

Sem recortes de raça ou sexualidade, poderíamos afirmar que sexo, desejo, libido, tudo isso poderia representar não um fardo, mas um jogo delicioso dos quais os homens, ou as pessoas no geral, se beneficiam. Não discordamos disso. É importante que saibamos que olhar para este ou aquele corpo e apontá-lo como sendo bonito/*sexy* é inevitável para grande parte das manifestações da sexualidade humana, inclusive esse pode ser considerado uma das ações que motivam nossas relações amorosas-sexuais.

Adotamos, portanto, a ideia de que todo ser é passível de sexualização. Afirmamos isso, pois partimos do pressuposto, majoritariamente aceito, de que o próprio sexo é uma necessidade fisiológica e, por assim ser, somos motivados, em maior ou menor grau, a nos sentirmos atraídos sexualmente por este ou aquele corpo. No entanto, alguns corpos tendem a se tornar ainda mais sexualizados em vista de carregarem consigo uma marca sócio-histórico-cultural, como dissemos, diretamente ligada à interpretação de outrem sobre estes sujeitos. E isto diz respeito a não somente uma atração física, mas também a um processo de objetificação sexual, atrelado a uma estereotipização desses corpos a partir de um olhar de colonização, ou seja, de uma interpretação possível a partir de uma FD colonialista. Desta forma, sob efeitos ideológicos, comparece, na construção das personagens, e sobretudo nas RPs, como estamos lendo, uma materialização discursiva da hipersexualização de sujeitos negros/gays, limitando suas relações amorosas-sexuais à forma como seus corpos são majoritariamente lidos socialmente.

Também sob efeitos ideológicos é que apontamos, agora, para o fato de que há diferentes formas de dizer algo, seja a partir da polissemia, seja a partir da paráfrase. Mas acrescentamos que há, também, formas de não-dizer. Isto é, o que é dito está repleto de silêncios. Quando se diz, por exemplo, que não há racismo no Brasil, do não-dizer “escapa” a afirmação de que a população brasileira compartilha de um imaginário capaz de vilipendiar corpos racializados, e que o racismo, aqui, é estrutural (Almeida, 2021). Do mesmo modo, ao dizer que a sociedade auriverde é amistosa para com a diversidade não se diz que se trata de uma sociedade LGBTfóbica e que é uma das que mais consome pornografia trans. Não se diz, portanto, sobre sujeitos que compartilham de um imaginário erótico/pornográfico sobre esses corpos. Sobre isso, Orlandi (2007, p. 12). dirá que “[...] há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar no sentido e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram silêncio”.

É na materialização textual, ou melhor, no discurso que os sentidos ganham formas. Algumas nítidas, transparentes e quase palpáveis, outras opacas e pouco óbvias. E é justamente nessa última que observamos, pelas lentes da AD, que, no(s) discurso(s) “de” Marcelino Freire, há uma repetição sobre a solidão do homem negro, ou, como gostamos de dizer, há uma naturalização da homoafrossolidão.

Talvez em menor grau na SD01, a construção do homem negro hipersexualizado materializa no não-dito um preterimento do homem negro. A solidão desses sujeitos ultrapassa relações amorosas-sexuais, mas também aí se estabiliza. Falar de homoafrossolidão não é falar só sobre gênero, raça ou sexualidade; é falar de masculinidades, de classe ou posição social, de performatividade de gênero, entre outras coisas. Nos limitaremos aqui a explorar o que nosso material de análise nos permite.

Vejamos, então, nossa RP03:

SD02 Canto XIII “Enquanto o arquiteto sumiu na bateria, fiquei pensando. Tenho certeza que agora, finalmente, conheci o amor da minha vida. Meu primeiro amor, depois de tantos anos. Falo daquele negronegronegronegro ali, rebolando” (FREIRE, 2005, p. 91).

SD03 Canto XV “Meu homem me obedece e me respeita. Por incrível que pareça, mesmo quando me põe de quatro, me machuca, me prende à vara da cama. Quando me chicoteia. Meu homem diz que serei seu escravo à vida inteira” (FREIRE, 2005, p. 102).

Destacamos todas as SDs nessa rede parafrástica, porque acreditamos que o não-dito deve ser pensando, aqui, na relação com tudo que foi dito. Ou seja, se dissemos que há uma hipersexualização do sujeito Negro/gay, há também uma falta de amor para com eles, já que, reiteramos, “o não dito é subsidiário ao dito” (Orlandi, 2005, p. 82).

Nas SDs que selecionamos, é apresentada somente uma visão sexual relacionada a esse corpo, de modo que qualquer outro sentimento de afeto, carinho e/ou amor é desconsiderado. Ao focar exageradamente na aparência física dos personagens, ao descrever encontros sexuais casuais sem profundidade emocional, e a partir do imaginário estruturalmente estabelecido sobre esses sujeitos interseccionalizados, o autor usa de estereótipos raciais que nos colocam na condição de seres objetificados e consideram-nos como meros objetos de desejo sexual do sujeito branco. É como se, ao dizer “este corpo é feito somente para me dar prazer”, silenciasse a afirmação alternativa, possível segundo um outro imaginário, acionado a partir de uma FD outra. Isto é, não se diz que “este corpo merece amor” ou “este corpo pode ser amado”. Isso nos leva a questionar: quais outros dizeres a hipersexualização deixa de acionar?

Entendemos que amor, no nosso material, entra numa relação oposta, não à sexualização, e, sim, à hiperssexualização do homem negro, de modo que está não dito textualmente (embora significando na ausência) que eles não têm sentimentos, e que, se tiverem, devem escondê-lo. Está não dito, também, que fora da cama, esse corpo é repulsivo, não detém prestígio. Fora da cama, esse corpo não é sequer visto. Nesse sentido, percebemos a homoafrossolidão e o não amor, pois os personagens negros são vistos apenas como objetos de desejos ou como alguém submisso e dominado.

Na obra, nunca é demais repetir, personagens racializados são reduzidos a estigmas raciais e, por consequência, sexuais, e, por assim ser, não são reconhecidos pelos protagonistas brancos como seres que têm de ser amados; pelo contrário, sua individualidade e dignidade é desconsiderada. Dessa forma, a falta de estabelecimento afetivo contribui para a solidão emocional do homem negro, que, sob essa ótica, não conseguiria estabelecer vínculos amorosos concretos e verdadeiros.

Dizemos que a solidão relacionada aos homossexuais não se restringe a corpos racializados. Se voltarmos na SD02, por exemplo, veremos que o personagem protagonista pode ser lido como alguém à procura de um relacionamento, sendo então afirmado na frase “finalmente encontrei o amor da minha vida”. “O homem gay não merece ser amado”. Isso porque, na sociedade brasileira, há uma pirâmide hierárquica que prioriza a heteronormatividade, visando uma performance de masculinidade que espirra um ideal validado, por exemplo, na baixa disponibilidade emocional-afetiva dos homens, no geral.

Afirmamos, no entanto, que são o machismo e o racismo imbricados que mantêm essa estrutura baseada em um sistema de exclusão. Caminhando assim, podemos estender a discussão sobre a solidão da mulher negra (Carneiro, 1995) aos homossexuais negros, no sentido de que o homem branco, aí acrescentamos, heterossexual, é a figura que compõe o “ideal” a ser seguido. Neuza Santos considera que “O ideal do ego é a estrutura mediante a qual se produz a conexão da normatividade libidinal com a cultural” (Santos, 1983, p. 33). Atrela-se isso ao heterossexismo, e a sociedade será responsável por empurrar o homem negro/gay à tentativa de se igualar ao homem branco heterossexual, de modo que esse sujeito seja afetado por esses sistemas de opressões que fazem desse sujeito um resultado da solidão ampliada.

Dessa forma, podemos dizer que as lutas pelo reconhecimento da identidade e por ascensão social do homem negro e do homem gay perpassam pelo imaginário de que amar é uma espécie de fraqueza. Se não pode ser fraco, não pode, então, amar e nem ser amado,

tendo, portanto, suas identidades negadas e suas necessidades emocionais e afetivas negligenciadas pela sociedade brancocêntrica e heteronormativa que se sustenta em um imaginário sócio-histórico-culturalmente estabelecido sobre esses corpos, que sofrem a homoafrossolidão e com a falta de apoio e compreensão das relações homoafetivas.

As experiências específicas desses sujeitos, como vimos, demonstram a exclusão e marginalização, pondo-os na condição de isolados emocionalmente. De outro modo, podemos afirmar que ao sujeito branco é dado tudo. Ele é recompensado com amor e com prazer. O prazer, neste sentido, é sempre do outro. Nunca do negro. Nunca do gay. O sujeito homossexual negro deve contentar-se em se sentir desejado, cobiçado pelo viés da atração sexual. Afinal, por que recompensar com amor alguém que foi feito para servir?

De maneira mais ampla e, talvez, mais genérica, podemos, aqui, levantar também a discussão de que, hodiernamente, em pleno 2023, tramita na Câmara federal o projeto de Lei 5167/09¹³ inconstitucional respaldado, ainda, no viés pseudocientífico, colonizador e judaico-cristão que tenta restringir a uniões heterossexuais as designações “casamento” e “união estável”, e dizendo que, na relação de um casal homossexual, os cônjuges deveriam ser “contratantes”, tratando o sujeito homossexual como um “cidadão de segunda categoria”, mais uma vez, colocando seus corpos como abjetos e não dignos de amor e/ou afeto, retirando o véu que cobre as bancadas federais e revelando uma estrutura altamente homofóbica . Nesse sentido, dizemos que a

homofobia constitui uma ameaça aos valores democráticos de compreensão e respeito por outrem, no sentido em que ela promove a desigualdade entre os indivíduos em função de seus simples desejos, incentiva a rigidez dos gêneros e favorece a hostilidade contra o outro (Borillo, 2010, p. 106).

Justamente respaldado no viés da desigualdade é que nossos desejos são ignorados. No entanto, ao falar de casamento, estamos falando de algo mais profundo que um contrato. A filósofa Sobofum Somé (2007, p. 79) dirá que “o casamento é uma forma de reconhecer que duas pessoas estão embarcando em algo maior do que elas mesmas e maior que a tribo” a que elas pertencem. Casar é unir dois mundos e dois espíritos. Trazemos essa discussão em se tratado do não-dito, da negação de amor aos sujeitos gays racializados, pois acreditamos que é na contramão de relações emocionais e de

¹³Disponível em: <https://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:camara.deputados:projeto.lei;pl:2009-05-05;5167>; e em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=432967>. Acesso em 13 nov. 2023

responsabilidades afetivas que o imaginário relacionado aos homossexuais e aos negros, põe-nos numa atmosfera que focaliza, excessivamente, as relações casuais.

Por tudo isso, e talvez um pouco mais, é que, pela presença de um (a hipersexualização) e ausência do outro(o amor), comprova-se o funcionamento do não-dito. Ao discursivisar sobre personagens racializados que representam sujeitos concretos, Marcelino Freire nos diz que os corpos de sujeitos negros/gays não merecem uma afetividade verdadeira.

5. ADUPÉ

Nós lançamos nosso barco, no início desta pesquisa, em direção ao sul. Analisamos os efeitos de sentido, a representação e o imaginário relacionado à corporeidade negra/gay na qual/a partir da qual o povo negro/gay se constitui ou é constituído. Acreditamos que conseguimos cumprir com nosso objetivo de maneira que trilhamos um caminho no qual precisamos passar pela compreensão de que Marcelino Freire, ao escrever a obra literária, o faz a partir de uma posição de sujeito-autor-branco colonial, que, cabe reiterar, localiza-se enquanto materialização do aparelho ideológico. Freire, então, discursiviza, a partir de “seu” imaginário, que funciona como condição de produção, de modo a (re)produzir o efeito de hipersexualização, da homoafrossolidão, reproduzindo estereótipos sobre sujeitos negros/gays. Na tensão entre o que se repete e o que se movimenta, percebemos o “novo” no gesto do autor, ao tornar os personagens negros/gays núcleo do protagonismo, mas também a reprodução do “mesmo” ao descrevê-los pelo viés dos estigmas relacionados a sujeitos concretos que os personagens representam.

Dizemos, em síntese, que a hipersexualização ocorre porque o imaginário colonialista ainda sobrevive, autorizando a (re) produção de inúmeros discursos segundo os quais os sujeitos negros/gays, sendo hipersexualizados, são sujeitos sozinhos afetiva e amorosamente. É segundo essas condições de produção que sujeitos interseccionalizados (negro e gay) podem servir e servem de material discursivo/literário do homem branco, e que o autor, em seu trabalho de escrita, no entanto (ou por isso mesmo), revela toda uma estrutura ideologicamente racista e homofóbica que, inclusive, o atravessa.

Os autores brancos, no geral, podem, inadvertidamente, reproduzir estereótipos, incluindo a hipersexualização, pois se amparam no aparato Função-autor, “que é uma função discursiva do sujeito” (Orlandi, 2015, p. 72) ao mesmo tempo em que se filiam a redes discursivas dominantes. Logo, a posição de sujeito-autor desempenha um papel fundamental na forma como esses personagens são retratados. O uso da primeira pessoa, por exemplo, cria uma identificação entre o autor e o protagonista branco, como dissemos, enquanto os personagens negros e homossexuais são frequentemente objetificados.

A frequente objetificação desses sujeitos aliada à hipersexualização dos personagens é comum, inclusive é isso que leva à falta de ênfase no amor e no afeto em suas histórias, destacando como o autor e a sociedade em geral não reconhecem o amor como parte das experiências de sujeitos negros e gays.

Este estudo expõe as formas como somos lidos e discursivizados e, agora, propomos uma nova escrita sobre quem realmente somos. A proposta é que atravessemos o Atlântico e resgatemos de lá uma identidade que melhor nos traduza. bell hooks, em “Ensinando a transgredir”, disse que “a teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função quando lhe pedimos que faça e dirigimos nossa teorização para esse fim” (hooks, 2017, p. 86). Com esse pensamento, dizemos que esse estudo, embasado na AD, por si só não visa curar as dores encrostadas em nossas tezes de cor. A AD não desvenda preconceitos e/ou estigmas. O que essa teoria faz, talvez, é explorar minuciosamente e sob a visão de um sujeito analista os efeitos de sentidos produzido pelo material. Discutimos, portanto, sob as lentes dessa teoria, a complexa representação de sujeitos concretos a partir dos personagens negros e gays na literatura de Marcelino Freire.

Ademais, acrescentamos que é necessário decolonizar olhares, pensamentos e a própria cultura, a fim de, bravamente, desafiar a herança colonial e seus encadeamentos que insistem em persistir. Acreditamos que são as hierarquias de poder e a construção imaginária hegemônica que reduzem as possibilidades de existência e de representação desses sujeitos. Propor um olhar decolonial é valorizar as experiências e existências, a fim de reconhecer o amor e o afeto como partes integrantes da condição humana, além de ampliar as múltiplas vozes e perspectivas da construção do sujeito negro/gay, podendo, isto, se refletir nas obras literárias, contrariando, assim, a hegemonia do sujeito branco e hétero.

Boaventura de Sousa Santos em seu estudo sobre as sociologias das ausências e das emergências (2002) aborda a importância da valorização dos conhecimentos e das perspectivas locais e subalternas. Este estudo navega nessa direção. A solução para a construção de uma sociedade mais equitativa baseia-se na consideração de realidades historicamente negligenciadas e estereotipadas, como a de sujeitos como esses para quem direcionamos nosso olhar a partir do modo como são representados em “Contos Negreiros”.

Ampliar a voz das experiências silenciadas e olhar além das fronteiras tradicionais da pesquisa é extremamente essencial. Enquanto pudermos pesquisar sobre os nossos e romper estruturas, faremos. Observaremos, com atenção, a forma pela qual nossos corpos são construídos, olharemos atentos às realidades subalternas, discutiremos as mudanças emergentes na sociedade, e analisaremos as discursividades produzidas sobre esses corpos e, quem sabe, adiante, pensando também um modo específico de esses próprios

“corpos” se dizerem. De lá, subverteremos e construiremos, com nossas armas, e com as balas que temos para trocar, uma compreensão mais completa das nossas complexas dinâmicas de existência. Adupé.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli carneiro; Editora Jandaira, 2021.

ALTHUSSER, Louis. [1970] **Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado**. 1. ed., Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1974.

ALVES, Andréa Moraes. Algumas reflexões sobre sexo, idade e cor. **Caderno CRH**, Salvador, v. 17, n. 42, p. 357-364, set./dez. 2004.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES. **O rumor da língua**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BERNT, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BORILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. São Paulo: Autêntica, 2010.

CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octavio. **Cor e mobilidade social em Florianópolis**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

COURTINE, J.J. **O discurso inatingível: Marxismo e Linguística**. Trad. Heloísa M. Rosário. In: Cadernos de tradução – n. 6/jun. 1999. Porto Alegre: 1999

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

D'OLNE Marcio Campos. **A Arte de Sulear-se**. in *Interação Museu-Comunidade pela Educação ambiental, Manual de apoio a Curso de Extensão Universitária*, Teresa Cristina Scheiner (coord.), pp 59-61, 79-84, TACNET Cultural UNI-RIO, Rio de Janeiro, 1991.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUfba, 2008.

GAMA, Maria Clara Brito da. **Cura Gay? Debates parlamentares sobre a (des)patologização da homossexualidade**. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.31.02.a>. Acesso em 20 out. 2023

FERREIRA, M. **Glossário de termos do discurso**. Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS, 2001.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, Ed 1. 2008

- FREIRE, Marcelino. **Contos negreiros**. São Paulo: Record, 2005.
- FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**. 34. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- HELENA, H. Nagamine Brandão. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, Ed. 2004.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade/ bell hooks**; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- INDURSKY, Freda [1999]. “De ocupação a invasão: efeitos de sentido no discurso do/sobre o MST na imprensa”, in: INDURSKY, Freda. **O discurso do/sobre o MST: Movimento Social, Sujeito, Mídia**. Campinas: Pontes, 2019. p. 87-109.
- MAZIÈRE, F. **A Análise do Discurso: história e práticas**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- MBEMBE, Achile. Necropolítica. **Arte & Ensaios**. revista do ppgav/eba/ufrrj, n. 32. 2016.
- MODESTO, R. Os discursos racializados. **Revista da Abralín**. v. 20. n. 2. p. 1-19, 2021.
- MOREIRA, A.; DANTAS, J. M. S. **Lingua(gem), literatura e comunicação**. 3. ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1977.
- MOTT, Luiz. **Escravidão, homossexualidade e demonologia**. São Paulo: Icone, 1988
- ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E.; TARALLO, F. **Vozes e contrastes: Discurso na Cidade e no Campo**. São Paulo: Cortez, 1989.
- ORLANDI, Eni P. Texto e discurso, **Organon**, Porto Alegre, RS, v. 09, n. 23, p. 109-116, 2001.
- ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6 ed. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2007
- ORLANDI, Eni. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.
- ORLANDI, Eni P. **Texto e discurso**. 13. ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 2020.
- PÊCHEUX, M. [1975] **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Puccinelli Orlandi et al 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014.
- PÊCHEUX, M. [1969] Análise automática do discurso. In: GADET, F. HAK, T. (org..). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 2 ed. Trad. Bethania S. M ariani et all:Campinas, Editora da UNICAMP, 1993. p. 61-161.

PETRI, V. **Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário**: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins. Tese (Doutorado em Letras) Porto Alegre: UFRGS, 2004.

PINHO, O. Race Fucker: representações raciais na pornografia gay. **Cadernos Pagu**, [S. l.], n. 38, p. 159–195, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645036>. Acesso em 1 ago. 2023.

RAMOSE, Mogobe B. A ética do ubuntu. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). **The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002, p. 324-330.

SANTOS, Neusa Souza. **Tornar-se negro**: As vicissitudes do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos. 2. ed. São Paulo: Odysseus editora, 2007.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 63, p. 237-280, 2002. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/10810>. Acesso em: 23 out. 2023.

TEIXEIRA, Maria Claudia. A língua: ponto de relação entre a Língua-AD e a literatura. **Interfaces**, v. 10, n. 3. 2019.